

Labaro, na mão direita, e na esquerda a figura da victoria, pondo-lhe huma coroa: debaixo do pé esquerdo a figura d'hum cativo: e a inscripção—VICTORIA. AUGGG. COMOB. E na area—M. D. Todas estas Medalhas se achão perfeitamente conservadas, e parecem feitas na mesma Fabrica».

(Segundo supplemento á *Gazeta de Lisboa*, n.º XLIII, de 28 de Outubro de 1786).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Excursão archeologica ao Sul de Portugal

Alcacer e arredores.—Torrão.—Alcaçovas.—Evora e vizinhanças

Aproveitando as ferias do Natal de 1895, fiz nova excursão archeologica ao Sul do reino, e colhi várias noticias, que vou aqui resumir, pois me falta o tempo para desenvolvimentos.

No dia 23 de Dezembro de 1895 cheguei a Alcacer, onde tinha a receber-me o meu prezado amigo Joaquim Correia Baptista, que, como da primeira vez que eu ahi fui,—vid. *O Arch. Port.*, I, 65 sqq.—, me deu hospitalidade em sua casa, e me tratou do melhor modo possível. O dia 24 e o dia 26 foram destinados á visita do Museu e da villa. No dia 25 e 27 andámos pelos arredores, o Sr. Baptista e eu. No dia 28 parti para o Torrão e Alcaçovas. No dia 29 visitei a serra das Alcaçovas, e segui para o concelho de Evora, onde estive até o dia 5 occupado a ver o museu Cenaculo, e algumas collecções particulares, a collôr indicações manuscriptas na Bibliotheca da cidade, e a visitar várias estações archeologicas. No dia 6 regressei a Lisboa.

I

Alcacer-do-Sal

A villa de Alcacer occupa área bastante extensa, parte d'ella num alto, onde, como digo adeante, fica o castello, e outra parte num declive e numa baixa, junto do rio Sado. Para mais commodidade e clareza, dividirei o meu assumpto em secções, occupando-me primeiro da villa velha, de diversas antigualhas alcacerenses e do museu municipal, e referindo me por fim á archeologia dos arredores.

1. Alcacer vetus

Cfr. *O Arch. Port.*, I, 69.

Na parte alta da villa, tanto dentro da área limitada pela muralha do castello, como fóra, junto d'este, apparecem a cada passo fragmentos de barro saguntino, com e sem marca; fóra, junto da muralha, onde se tem feito excavações accidentaes, apparecem os mesmos fragmentos, *verticilli* (cossoiros) e *pondera* (pesos) de barro.

Junto da muralha passa um caminho; do outro lado do caminho, a uns decametros, encontra-se barro romano, pesos, e *opus Signinum* que teve mosaicos.

Adeante estão as ruínas da capella de S. Vicente, de que eu não tinha fallado no primeiro artigo; ficam perto de S. Francisco. Nas paredes d'esta capella vêem-se fustes de columnas sem dúvida pertença de um edificio romano, como o são todos ou quasi todos os objectos de marmore da mesma natureza, que se vêem nas casas, paredes e ruas de Alcacer. Das paredes da mesma capella extrahiu o Sr. Baptista uma das cabeças de marmore que estão no museu.

A povoação primitiva foi sem dúvida na parte alta da actual Alcacer, onde está o castello e os templos da Senhora dos Martyres, de S. Vicente e de S. Francisco. Em todos os pontos, nos campos, nos caminhos, se encontram restos romanos: moedas, barros, marmores.

2. Antighalhas diversas

De uns apontamentos manuscritos, que vi na villa, organizados pelo fallecido Dr. A. A. Vargas, medico de Alcacer, em resposta a uns quesitos da Commissão dos Monumentos Nacionaes, extráio o seguinte:

a) *Instrumentos neolithicos:*

«Ha várias machadinhas de pedra polida, achadas em differentes pontos, algumas grandes, e muito bem conservadas».

Effectivamente o aro de Alcacer é fertil nestes objectos: no Museu Municipal podem ver-se bastantes.

b) *Cabeça de touro:*

«Existia ha uns annos, collocada na esquina de uma cêrca, junto ao Passeio d'esta villa, uma cabeça de touro, de pedra».

Segundo informações de pessoa de idade, esta pedra foi aproveitada nos alicerces do predio que foi de João de Sousa Aguamêl, no Largo do Visconde de Alcacer.

Seria uma cabeça de touro igual ás célebres de Beja?

c) *Sepultura de Junia Corinthia*:

«Achou-se uma lapida, — e que já vinha seu caminho para ser engolida por um alicerce, — que tem uma inscripção romana. Era lapida sepulcral. Ficou por muito tempo servindo de pedestal a um candieiro publico, até que foi dada a¹ de Lisboa, e para lá foi. Dizia no epitaphio o seguinte: IVNIA CORINTHIA | -AN·XVII | H·S·H | -S·T·L | -SATVLLIA | FILIAE | . O que traduzido ahi: *Junia Corinthia, de 17 annos, aqui jaz. A terra lhe seja leve. Satulia á sua filha*».

Esta inscripção foi publicada no *Supplemento do Almanach de Lembranças* de 1888, e n-*O Alcacerense* de 21 de Outubro do mesmo anno, em artigo do mesmo A. A. Vargas. N-*O Alcacerense* lê-se por êrro *Satilia*. Tanto no artigo ms., como no impresso, se lê S·T·L e não S·T·T·L. Depois foi publicada na *Revista Archeologica* de Borges de Figueiredo, II, 70, d'onde passou para o *Corp. Inscr. Lat.*, II, 5183; aqui a reproduzo de lá:

IVNIA·CORINTHIA
AN·XVII·H·S·E·
S·T·T·L·
SATVLLA·FILIAE

3. *Musen Municipal*

N-*O Archeologo Português*, fiz já algumas referencias a este interessante musen. Agora farei outras, com o fim de ampliar as informações primeiras.

O Museu Municipal de Alcacer-do-Sal foi fundado por deliberação camararia de 15 de Outubro de 1894. Assignaram esta patriótica deliberação os seguintes senhores:

José Serra Lince, presidente da Camara Municipal;
Manoel Augusto de Matos, vogal;
Antonio da Costa Villa-Boim, vogal;
Manoel Perez Ramirez, vogal;
Francisco Vieira dos Reis, vogal;
Joaquim Correia Baptista, secretario.

¹ [Falta o nome, mas consta-me que a lapide foi dada ao marquês de Sousa Holstein, que a pediu á Camara de Alcacer].

Acha-se installado numa alegre sala, contigua á das sessões.

Eis a indicação methodica dos principaes objectos que o compunham na data da minha visita (1895):

A. *Epocha prehistorica.*

Collecção de quarenta e tantos instrumentos neolithicos (machados, martellos, etc.), encontrados quasi todos no concelho de Alcacer. Pertencem a typos conhecidos.

No concelho ha, segundo me consta, algumas antas. É provavel que, em se explorando, appareçam mais objectos que venham enriquecer o museu.

B. *Epochas protohistorica e romana.*

Collecção de várias armas de ferro achadas na necropole a que me referi n-*O Arch. Port.*, I, 78-79;

dois ferros de lança (*cuspides*), encontrados na mesma necropole, e que podem ser romanos ou não;

uma collecção de dez vasos de barro, da mesma proveniencia: quatro formam uma serie d'este typo pouco mais ou menos:



outros são variados, e um, o menor, é tão grosseiro, que se confunde com alguns prehistoricos;

um prato de barro, e tres *verticilli*, — ainda de igual procedencia.

Como se disse n-*O Arch. Port.*, I, 79, nem todos os objectos da necropole são pre-romanos. No museu está o gargalo de uma pequena ampolla romana, provinda tambem de lá.

Entre os objectos protohistoricos do museu conta-se o idolo de que fallei n-*O Arch. Port.*, I, 79-80, e as moedas de legenda indigena publicadas n-*O Arch. Port.*, I, 81-82; II, 280-281 e III, 127 e 269.

Quanto a objectos sem dúvida romanos, temos os seguintes:

1. *Monumentos de marmore:*

a) Duas cabeças, e um torso de estátua;

b) Uma tampa sepulcral em fôrma de pipa, com uma inscripção bastante apagada, de que só pude ler:

.....OLA
.....AN·SER·
.....E
.....B....R

Linha 1.^a: Antes de OLA podiam caber mais tres letras; junto do O ha um traço duvidoso, que póde ser de T, de E ou de F.

Linha 2.^a: Depois de AN ha um ponto. Entre o N e o ponto podia ter cabido um I, mas creio não ter ahi havido lettra. As letras SER, entre pontos, são claras. Podia ter havido nesta linha mais seis ou sete letras.

Linha 3.^a: Parece acabar no E, mas sem ponto (H·S·E?). Cabiam nesta linha mais umas quatro letras.

Linha 4.^a: Entre o B e o R cabia uma lettra, talvez fosse E. Podia ter havido no resto da linha mais quatro letras.

Por baixo creio não ter havido outra linha.

Em resumo: a inscripção parece ser de uma pessoa cujo nome acabava em *-ola*, serva de outra, cujo nome abreviado acabava em *-an*.

Altura das letras: 0^m,035 a 0^m,04.

Esta lapide foi tirada das ruínas do castello, segundo me informa o Sr. Correia Baptista.

c) Cabeceira de sepultura, apenas com algumas letras.

d) Dois pequenos fragmentos de estelas com letras.

2. Objectos de barro:

a) Um bello vaso de barro saguntino marcado (*terra sigillata*) com tampa, — urna funeraria. Já fallei d'elle n-*O Arch. Port.*, 1, 85. No bojo lê-se, como lá disse:

COREL(*ius*) PRIMVS

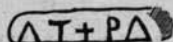
e no *operculum* lê-se:

SEX
ANI

O primeiro nome será o do morto, pois não parece natural que cada peça fosse feita por seu artista. O segundo nome é com certeza marca figulina, pois tem ao lado um ramo que apparece noutras marcas que se vêem em fragmentos de vasos no museu.

b) Muitos fragmentos de vasos, do chamado barro saguntino, aretino ou samio, com carimbos taes como:

1.



falta o resto; a penultima letra é P e não R; o segundo T é crucial, e menor que o primeiro.

2.



Este carimbo quadrado estava no fundo de um vaso, mas pelo lado de dentro. A segunda linha significará SMIA = *Samia*, nome que apparece tambem em vasos de Tarragona: vid. o *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4970, 515. O Δ não é cortado: cfr. a marca antecedente.

3.



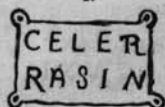
Este carimbo rectangular estava no fundo de um vaso, tambem interiormente.

Linha 1.^a: depois do L um ponto. A segunda letra é I ou T. A penultima será T de haste curta.

Linha 2.^a: SMIA = *Samia*: cfr. a marca precedente.

No fim da 1.^a linha um ramo vertical.

4.



Num pequenino caco.

Deve entender-se CELER RASIN.....

Num vaso de Tarragona lê-se tambem *Celer*, nome de um oleiro: *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4970, 129.

5.



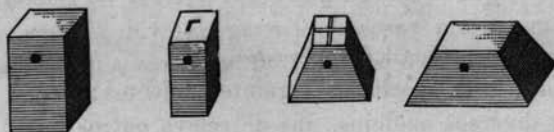
Creio dever ler-se na 1.^a linha CORNE(*lius*), senão a haste do E seria perpendicular e não oblíqua ao traço inferior.

6.



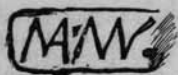
Será M com um ponto adiante, ou MII, terminação de genitivo? Á direita meio ramo com quatro hastes¹.

c) Vinte e tantos pesos de barro (*pondera*) grosseiros, d'estes typos:



Os tamanhos variam. As fórmulas também variam: uns são paralelepípedos, outros são troncos de pyramides, e quer aquelles, quer estes, de secção quadrada ou rectangular. Alguns tem marcas: dois tem uma cruz; um tem um como L.

d) Fragmentos de amphoras. Um fragmento de asa de amphora tem a seguinte marca:



e) Objectos diversos: cossoiros ou pesos de fusos (*verticilli*), tegulas, imbrices, tijolos. Mencionarei também aqui, embora eu não saiba ao certo se são da epocha romana, se de epocha posterior, uns pesos de rêde, de dois typos: de tubo, e de argola (de barro).

¹ Outra marca figulina com ramo, em vasos aretinos achados na Italia, veja-se, por exemplo, in *Notizie degli scavi di antichità*, 1896, p. 166.

4. *Objectos de ferro:*

Difficil será dizer se todos estes objectos são romanos ou não, ainda que me inclino a crer que sim, pelo menos alguns. Pertencem ás seguintes classes: ferros de arado, picaretas, marrêtas, e outras. Apareceram todos nos entulhos do castello, onde tambem apparece o barro saguntino.

5. Formigão romano (*opus Signinum*) destinado a receber mosaicos; fragmentos de mosaicos (*opus vermiculatum*).

C. *Epocha arabe.*

Esta epocha está, como é natural, modestissimamente representada.

Posso apenas mencionar:

- a) uma inscripção lapidar;
- b) uma lucerna de barro;
- c) varios fragmentos de vasos.

D. *Epocha posterior á idade média.*

Pertencem a esta epocha os seguintes objectos:

- a) diversos azulejos, uns de relêvo outros lisos;
- b) boiões de botica, de louça, de varios formatos;
- c) espingardas;
- d) dois estandartes bordados;
- e) fragmentos de obra de talha (de igrejas);
- f) balas grandes de pedra.

E. *Numismatica.*

Esta secção comprehende moedas antigas, moedas modernas, e «contos para contar».

D'entre as moedas antigas, as mais importantes são as já mencionadas, de Salacia; tambem ahi ha moedas romanas; muitas d'ellas, senão quasi todas, encontradas em Alcacer, e que são por isso documentos historicos de interesse local.

As moedas modernas são pela maior parte portuguezas, sobre-sahindo entre todas a meia-barbuda de D. Fernando que publiquei n-*O Arch. Port.*, 1, 86, e que é authentica, sem dúvida alguma. Tambem ahi se vêem alguns exemplares de moedas dos grão-mestres portuguezes de Malta.

Sobre os contos tomei alguns apontamentos que publicarei a seu tempo.

O encarregado d'esta secção é especialmente o Sr. P.^e Francisco de Matos Galamba, que a isto se presta da melhor vontade, e que, como notei n-*O Arch. Port.*, I, 87, ali depositou as moedas que possui. Do mesmo Sr. já *O Arch. Port.*, III, 266, publicou um interessante artigo sobre Salacia.

*

Comparando-se o que fica dito á cêrca do estado actual do museu com o que se escreveu nesta revista, vol. I, pp. 80-87, vê-se que elle tem progredido bastante.

4. Arredores de Alcacer

Dou aqui noticia de algumas antigualhas dos arredores de Alcacer, umas que eu vi, outras de que apenas colhi informações.

1. Na herdade da LÁPEGA DE CIMA¹, freguesia de Santa Susana, ha um outeiro chamado *O Castellinho*. Ao fundo passa a ribeira de Rio-Mourinho; em cima num alto, sobranceiro ao rio, ha vestigios de paredes. Diz o povo que aquillo era obra *dos Moiros*. Estaremos deante de um castro?

2. Na herdade da BISCAINHA, da mesma freguesia, ha uma pedra, com uma cavidade: diz o povo que o Diabo se servia d'esta pedra como de marrêta para assentar as pedras de uma calçada que alli havia, e de que ainda hoje se observam alguns lanços. Em certo ponto esta calçada chama-se «Estrada da Calçadinha». Conduzia de Alcacer a «Evra» (Evora).

Quem sabe se teremos aqui uma via romana?

São muito vulgares as lendas que attribuem ao Diabo e a outras entidades fabulosas ou sobre-naturaes as obras de certa importancia. Se o tempo me não faltasse, eu poderia juntar aqui muitas notas, umas referentes a factos nacionaes, outras a factos estrangeiros.

3. Na herdade das ROMEIRAS, da mesma freguesia, disseram-me que ha «pedras com letras».

¹ Tambem se diz *Alapa*, isto é, *Lapa*: d'onde se vê que *Lápega* é mera modificação popular de *Lapa*. Eu ouvi pronunciar *Lápega*, com o accento tonico no *a*. Na *Chorographia* de Baptista, indice, lê-se porém *Alapéga*, com o accento no *e* (talvez por erro).

4. Na herdade dos ALAMOS, freguesia de S. Martinho, parece que existe uma anta.

5. Na herdade do CÔRTE-PEREIRO ha um pôço em que me dizem que se observam vestígios antigos de trabalhos de mineralização.

6. HERDADE DO BERLONGUINHO. — Em companhia do Sr. Correia Baptista, que tem pela archeologia de Alcacer entusiasmo verdadeiro, e por isso muito louvavel, visitei a herdade do Berlonguinho, na freguesia de Santa Susana. Em volta do «monte» (casa de campo) apparecem muitos alicerces de edificações, e fragmentos de tegulas e de imbrices, bem como *pondera* de barro, de que vi alguns. Igualmente appareceu uma moeda romana, que porém não vi. De certo houve alli uma povoação ou, mais provavelmente, *villa* romana. Encontrei tambem lá uma pequena pedra excavada¹, de 0^m,1 de eixo, que se assemelha a outras que tenho achado nas estações prehistoricas, e que hoje estão no Museu Ethnologico Português: estas pedras deviam ter servido, umas de mós, outras de afiadores. — A distancia de uns 300 ou 400 metros do «monte» parece que existiu uma anta: pelo menos vi lá tres pedras cahidas, de uns 2 metros de comprimento cada uma, e de mais de 0^m,5 de largura, as quaes podiam muito bem ter servido de esteios; num local, onde tanto falta a pedra, que poderiam significar aquellas grandes lages, que de mais a mais vieram de longe para alli, senão que fizeram parte de uma anta? Em todo o caso só a exploração archeologica poderá decidir a questão. Ainda mandámos cavar no local, mas a terra estava muito encharcada, não pudemos apurar nada. Pelas vizinhanças apparecem instrumentos neolithicos, o que pouco significa para o caso, pois elles apparecem em toda a parte. — O que se vê é que, assim como a civilização portuguesa, representada pelo «monte», se sobrepôs naquella herdade á civilização romana, representada por objectos de barro, e certamente pelos alicerces de que fallei, esta se tinha sobreposto á civilização prehistorica, representada pelos instrumentos, e talvez pelo pequeno utensilio de pedra excavada, senão tambem por uma anta. O nosso povo não sabe hoje, de nenhum modo, o que aquillo é, como os Romanos tambem não sabiam o que eram as antas e os instrumentos lithicos. Assim se vão succedendo as civilizações: e os que menos tem consciencia d'isso são muitas vezes os pro-

¹ É de granito. Como naquella zona não ha esta rocha, vê-se que o utensilio veio de longe, o que indica antigas relações commerciaes.

prios protagonistas! Á parte as notas que costumo tomar na minha carteira, e que depois me servem para os meus estudos, quanto prazer não experimento nestes passeios archeologicos, que me transportam ao passado! Nuns sitios converso com os homens da epocha da pedra, que me revelam as suas habilidades artisticas, as suas relações commerciaes, as suas crenças; noutros ouço os Romanos fallar-me latim, e, com letras gravadas em desprezados pedaços de barro, ou em quasi apagadas superficies de pedras toscas, vou formando listas de nomes de artistas ou de povoações extinctas, que por outra via não são conhecidos. Seja ao menos este prazer uma compensação das fadigas que por lá apanho, das noites mal dormidas, das viagens incómodas!— Voltando a fallar do Berlonguinho, rematarei esta noticia, lembrando que o dono da herdade é o Sr. Francisco Pereira de Sousa, que por vezes tem dotado de varios objectos antigos o Museu de Alcacer.

7. HERDADE DE S. BRÁS. — Indo-se pela estrada real de Alcacer para Santa Susana, encontra-se, a uns 3 kilometros da villa, a Herdade de S. Brás, que é atravessada pela estrada, e fica nas margens da ribeira de Sítimos. Estive lá com o Sr. Correia Baptista. Á direita da estrada, a pouca distancia d'esta, ficam as ruinas da capella de S. Brás, que deu nome á Herdade; nas paredes d'essa capella depa-raram-se-nos dois fustes de columna, lisos, de marmore; e um capitel (?—que por não se distinguir bem, fica para ser descrito depois). Nos arredores da capella, até á ribeira, vê-se o chão juncado de tijolos e grossos cacos de amphoras e de outros vasos; tambem apparecem fragmentos de tegulas. O rendeiro da Herdade informou que, a uns metros de distancia da ribeira, encontrou várias sepulturas de tijolo, quadradas, e demasiado pequenas para conterem um cadaver estendido; ali dentro achou fragmentos de ossinhos: seria sepultura de incineração? Tambem tem achado várias moedas de cobre romanas.

8. HERDADE DA BARROSINHA. — Fica ainda mais perto de Alcacer: 1,5 kilometros a 2 kilometros. Na margem direita do Sado, junto á ágoa, encontrámos, no mesmo dia, innumerous fragmentos de amphoras: bojos, asas, gargalos; o Sr. Baptista tinha tambem achado testos. Foi aqui que appareceu, na occasião da nossa visita, o fragmento de asa de amphora com a inscripção que acima transcrevi. Apparecem igualmente muitos tijolos prismaticos e outros, bem como fragmentos de barro saguntino, e de *opus Signinum*.— Merece a pena proceder a excavações, porque de certo apparecem mais objectos. Só depois se saberá se se trata de povoação, se de simples villa.

II

Torrão

Na manhã de 28 de Dezembro despedia-me dos meus amigos de Alcacer do Sal, e dirigia-me para a patria de Bernardim ou Bernaldim Ribeiro.

A estrada que conduz de Alcacer para o Torrão é solitaria, como em geral succede no Alemtejo¹. Atravessei varios riachos, chamados *ribeira de Alfêvre*, *ribeira de Algalé*, etc. As correntes fluviaes tem no Alemtejo varios nomes, conforme a importancia d'ellas: *ribeira*, que significa menos que rio; *ribeiro*, menos que ribeira; *barranco*, menos que ribeiro. O barranco sécca de verão.

A manhã estava ennevoada, e por isso pouco pude apreciar dos panoramas d'estes sitios. De longe em longe passa junto do meu trem um *carro alemtejano*, guiado por um homem alto, de jaqueta e chapéu desabado; durante uns segundos ouvem-se os chocalhos das mulas que o levam, depois tudo volta á solidão e ao silencio, só cortado pelo ruido do vehiculo em que vou. Nem uma venda se vê, em que possa dar-se uma gotta de vinho ao cocheiro, para o fortalecer contra a friagem matutina: só encontrei uma fonte; mas ágoa não a quereria elle!

Um pouco antes de se chegar á ponte de Algalé, o Sado deixa de ser navegavel, e muda de nome: fica chamando-se *ribeira do Sadão*². Cousa curiosa: pois que, diminuindo de volume, recebe uma denominação com apparencia de augmentativo!

*

A pouca distancia do Torrão ha uma anta, que fui visitar, apesar do terreno estar bastante molhado. Conservam-se d'ella alguns esteios, da camara, uns em pé, outros cahidos, e o respectivo chapéu ou cobertura; os vestigios da galeria são incertos. Como outras do Alemtejo, esta anta fica em terreno um pouco elevado, que conterà acaso os restos da mamôa. Ao pé cresce uma oliveira, que a ampara. É vulgar encontrarem-se no Alemtejo antas protegidas por arvores. Aqui dou algumas medidas da anta do Torrão: largura da lage que serve

¹ Alcacer, politicamente, fica na Extremadura; mas geographica e ethnographicamente pertence ao Alemtejo.

² Pronúncia *Sá-dão*, com o accentto tonico na última syllaba.

de tampa, uns 3 metros; altura de um dos esteios, tomada por fóra, 1 metro; largura interior, uns 2 metros. A anta está muito cheia de pedregulho e muito arruinada, e não podem tomar-se medidas exactas sem proceder primeiro a certas remoções. Orientação: ONO-ESE. O Sr. Correia Baptista, posteriormente á minha visita, foi tambem lá, e encontrou ao pé d'ella um percutor prehistorico de pedra. Esta anta tem de curioso o seguinte: anda-lhe annexa a lenda de S. Fausto, e por isso se chama *Lapa de S. Fausto*, ou como o povo pronuncia: de *S. Faústo*, *S. Fagústo*, *S. Fraústo* e *S. Fragústo*, fórmãs que ouvi todas, quer em Alcacer, quer no Torrão. Diz o povo que o santo appareceu dentro d'esta anta, e que tivera em cima da tampa um nicho, de que ainda em verdade se vêem vestigios abundantes; só depois foi mudado para um templo. Na mesma propriedade, a poucos passos de distancia da anta, acham-se situadas as ruinas de uma igreja, onde li a data de 1645. Não é esta a unica anta portuguesa relacionada com lendas de santos: nas minhas *Religiões da Lusitania*, I, 21, fallo de uma lenda analogã, localizada em Sines; *ibidem* fallo tambem d'esta do Torrão, a p. 290, nota 1.

Tive ainda conhecimento de outras antigualhas dos arredores do Torrão:

Na HERDADE DE MONTE-NOVO, freguesia do Torrão, appareceram uns quatorze machados de cobre ou bronze, cujo paradeiro eu não soube ao certo, apesar de bem ter perguntado por elles, estimulado pela cobiça de tão rica prêsa!

Perto da LAPA DE S. FAUSTO, de que a cima fallei, ha um sítio chamado *Pedra d'Anta*, onde havia uma anta que foi destruida, para com as pedras d'ella se construir um moinho.

Em S. JOÃO DOS AZINHAES, a 2 kilometros do Torrão, ha, segundo me informaram, uma lapide com uma inscripção, que serve de pedestal não sei a quê, e ha um «barril de pedra», provavelmente sepultura romana doliar, como tantas outras do Alemtejo.

Nos campos apparecem com frequencia, como em toda a parte, instrumentos neolithicos. Eu vi um nas mãos de um sujeito, mas não achei meio de o convencer a ceder-m'o. D'esta vez declinou a *minha estrella!* mas ia despontar em breve, nas Alcaçovas, e em Evora...

*

Á volta, se bem me lembro, do meio-dia, avistava eu a patria do «Senhor das Saudades», como Garrett chama a Bernardim Ribeiro no *Auto de Gil Vicente*. O nevoeiro havia-se desfeito, e o sol brilhava

com toda a sua luz. Primeiro atravessei o Xarrama, numa bella ponte: o rio espreguiça-se num leito de pedras, zoando e espumando; pelas margens vê-se roupa estendida, que enxuga ao sol. Depois de uma pequena subida, entrei na villa, que é de ruas estreitas e casas baixas. Apesar de o intuito da minha visita consistir apenas em proceder a algumas investigações archeologicas, eu ia absorvido na memoria de Bernardim Ribeiro: e por isso experimentei certa commoção, quando o carro começou a rodar nas ruas da villa. Aqui nascêra com effeito no sec. xv o novellista da *Menina e moça*, o poeta das *Saudades*, cujos cantos exprimem tanto ao vivo a alma portugueza, sempre melancholica e apaixonada! Mas d'elle, nem sequer um vestigio material achei na villa; nada que tornasse lembrado aos seus conterraneos

O coitado do pastor,
Pobre, mal aventurado...

Pelo lado archeologico tambem nada se me deparou, digno de nota. A igreja, de tres naves, tem um portal manuelino; e ha no interior d'ella várias sepulturas com inscrições portuguezas: mas estes assumptos não entram no meu programma de estudos. Só num arrabalde da villa encontrei uma pequena construcção romana, feita de *opus Signinum*, e que talvez fosse depósito de água; em volta, muitos fragmentos de tegulas. O sitio chama-se *Fonte Santa*: ha lá realmente uma fonte, mas tão caiada e modernizada, que nada revela já hoje da importancia cultural que de certo teve em tempos pagãos.

Demorei-me no Torrão apenas hora e meia.

Ao Sr. Adelino Simões da Guia, pharmaceutico no Torrão, agradeço a complacencia com que me acompanhou, e me informou á cêrca do que lhe perguntei.

*

Se se resumir o que fica exposto, vê-se que o Torrão, com relação ás epochas antigas da sua historia, offerece os seguintes vestigios materiaes:

1. *Lapa de S. Fausto e Pedra d'Anta* (dolmens);
2. instrumentos neolithicos;
3. instrumentos de cobre ou bronze;
4. uma pequena edificacção romana, e junto d'ella uma *fonte santa*, que data de epochas immemoriaes.

São pois vestigios *pre-romanos* e *romanos*.

III

Alcaçovas

Deixando os pardacentos e tristes arvoredos que rodeião o Torrão, entrei na estrada das Alcaçovas, que segue em linha recta, pelo meio de charnecas profundamente desertas. Aos lados d'ella estendem-se durante longo espaço renques de eucalyptos, que animam um tanto a aridez da paisagem, e são também beneficio physico, por causa das condições sazonaticas do sitio.

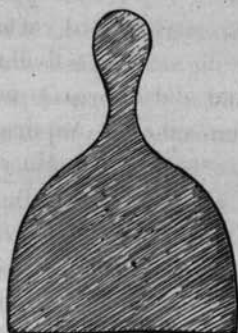
Aqui e alem, como desde Alcacer até o Torrão, passava por mim um carro alemtejano com um camponês lá dentro: afigurava-se-me então ver um romano no seu *carpentum*, recolhendo á villa, quero dizer, ao «monte». O carro alemtejano é sem dúvida de origem romana. Mas em vez de *toga*, eu encontrava a «manta alemtejana», em vez de *feminalia* os çafões de pelle, em vez de *galerus* o barrete. A manta e os çafões são trajos característicos do Alemtejo; o barrete encontra-se noutras partes com igual profusão. Ao lado da estrada, nas gandaras, pastavam manadas de porcos, pequenos e avermelhados, muito gordos, do mesmo tamanho e da mesma côr, — como regimentos uniformizados, em descanso.

A pouca distancia da villa começam a apparecer campos verdes, arvores de fructo e casas. Ao lado direito avista-se a Serra, onde está o convento da Senhora da Esperança; esta vista alegrou-me, pois que a Serra era o objecto especial da minha visita, por lá haver antiguidades romanas que estudar. Por fim surgem as Alcaçovas, com hortas umidas e frescas á entrada, como que para cativarem a quem vinha farto de atravessar montados e terras sêccas. Os ultimos raios do sol illuminavam a igreja-matriz e os edificios mais altos; por de trás o ceu, salpicado de nuvens prateadas, formava um fundo de quadro.

A villa é pequena, de ruas estreitas e lamacentas, com algumas casas de ar afidalgado. Fabricam-se em grande quantidade nas Alcaçovas chocalhos para os gados, d'onde o dar-se vulgarmente o nome de *chocalheiros* aos habitantes, designação porém com a qual ninguem deve offender-se, por isso que lembra uma importante industria local. Á cêrca da historia da villa publicou-se em Evora em 1890 um opusculo com o titulo de *Breves memorias da villa das Alcaçovas*; sahiu anonymo, mas sei que é devido ao actual Sr. Prior, Rev.^{do} Joaquim Pedro Alcantara.

Fiquei numa *estalagem*. O nome, em verdade, não inculca muito; mas, como me deram roupa lavada na cama, e comida substancial na

mesa, não fiz caso do titulo. Alem d'isso, para mim, que me interesse pelos costumes populares, o pernoitar numa *estalagem*, onde nada havia das modas afrancesadas dos *hoteis*, constituia prazer, porque me punha em contacto íntimo com a ethnographia nacional. Logo que cheguei, sentei-me no lar, á fogueira, com a familia da casa, umas pobres mulheres, affaveis e falladoras. A mais velha, que era a dona da estalagem, desfiou-me, no meio da conversa, os nomes dos seus filhos e dos seus netos; são, diz ella, muito exquisitos: Viriato, Vergilio, Horacio... Por pouco que esgotava todo o *Onomasticon* de De-Vit! Não desgostei, porque, indo eu ás Alcaçovas estudar archeologia luso-romana, encontrava ao pé de mim o nobre caudilho dos nossos maiores, do seculo II da Era Christã, e os mais notaveis poetas latinos da epocha de Augusto. A cozinha da estalagem era, como todas as alemtejanas, espaçosa, com uma longa e alta chaminé; a parede



tinha a classica *boneca*, feita de tijolo, — figura, a que o povo já hoje não liga significação moral, mas que eu considero vestigio de uma antiga divindade (*Lar familiaris*): vid. a figura junta.

Depois que jantei e sahi, procurei o Sr. Aurelio de Aguilar, que me relacionou com o Sr. Francisco de Mello Cabral e Sousa, dono da propriedade em que estava a antigualha romana que eu tencionava ver, na Serra da Senhora da Esperança. A estes senhores devi, durante a minha permanencia nas Alcaçovas, muitas finezas: a ambos tributo pois aqui os meus agradecimentos.

Tendo voltado para a estalagem, dormi num quarto ladrilhado de tijolo, com esteiras algarvias a servirem de tapetes, conforme o costume do Sul. Apesar de ir alquebrado da viagem, pouco repousei, sobresaltado, como estava, com a ideia de partir de madrugada para a Serra, que fica a uns 3 kilometros da villa.

Quando o *carreiro* ao outro dia bateu á janella, e me chamou, ás seis horas da manhã, já eu estava pronto, de saca ao ombro, e de cajado na mão. O Sr. Aurelio de Aguiar, que havia tido a amabilidade de me prometter acompanhar-me, appareceu pouco depois. De modo que ás seis e meia partia, levando-nos, um *carro alemtejano*, toldado. Por causa do declive do terreno, e tambem para combatermos o frio matinal que entrava connosco, subimos parte da ladeira a pé.

Na Serra tinha havido frades outro tempo. Lá estavam em cima, a alvejar, o convento e a igreja. Mal atravessei o portão da cêrca, comecei a ver pelo chão fragmentos de antigo vasilhame, que me mostravam que eu estava numa estação archeologica. Por toda a Serra depararam-se-me tambem muitas paredes velhas de casas, e mettidos nos muros dos campos pedaços de marmore trabalhado, provavelmente de origem romana.

Tanto a igreja como o convento ficam entre antiquissimas ruinas de casas. Num campo, ao Sul, do lado opposto ao templo, haviam os trabalhadores descoberto, entre muitos cacos, ossos humanos e vasos. Eu pude ainda alcançar de um dos trabalhadores um vaso de barro, quasi inteiro, que era uma *olla cineraria*, pois, de mistura com terra, continha pequenos carvões, cinzas e esquirolas osseas, algumas ainda chamuscadas. Esta *olla* está hoje no Museu Ethnologico; aqui dou a figura d'ella ($\frac{1}{3}$ da grandeza natural), segundo um desenho do Sr. Henrique Loureiro (na estampa junta, n.º 1):

Sem dúvida o campo constituia um cemiterio romano, onde os cadaveres eram incinerados. D'este cemiterio proveiu, segundo todas as probabilidades, a lapide marmórea, com inscripção, que foi com leves incorrecções, publicada n-*O Arch. Port.*, I, 155. Esta lapide, por causa da qual eu fôra ás Alcaçovas, estava junto do convento: tem fórma de pipa, offerecendo numa das extremidades a representação de dois peixes, e na outra a de uma patera e de um *praefericulum*. A inscripção diz:

D · M · S

L A M A

X X X V

I · C T · L A E · S

A pipa mede de comprimento 0^m,94; de diametro 0^m,40; a altura das letras é de 0^m,035.

Mercê da generosidade do Sr. Francisco de Mello Cabral e Sousa, proprietario do local, obtive por offerta a lapide, que está hoje no Museu Ethnologico Português: cfr. *O Arch. Port.*, II, 159. Receba mais uma vez S. Ex.^a os protestos da minha gratidão por este serviço que prestou ao Museu, onde a lapide fica á disposição dos que a quizerem ver e estudar. O Sr. Cabral e Sousa levou a sua franqueza a permittir-me proceder a excavações no terreno, o que farei em occasião opportuna, apenas eu me veja desafogado de certos trabalhos; talvez então a nossa Archeologia tenha de registar novos e curiosos documentos da epocha luso-romana. Por essa occasião procurarei ver outras antiguidades locaes, de que me fallaram, entre ellas uma anta na herdade da Pijeira, onde serve de chiqueiro de porcos.

Antes de me retirar da Serra, em que tão boas impressões colhêra, visitei a igreja, e perguntei por tradições populares á familia do sacristão. Na igreja venera-se a Senhora da Esperança, que ali *appareceu* sob a fórma de imagem de pedra¹, e ali tem a sua «casa dos milagres»; nella vi, entre outros ex-votos, o de um soldado, que, como os da epocha luso-romana em analogos ex-votos, indica num letreiro a sua posição social.

Nas baixas da Serra passa a ribeira do Degebe, a respeito da qual o sacristão me disse, no dialecto do sítio, que ella *cóla por um fundão*, isto é, que corre por um valle. Perto da Serra e da ribeira fica a Fonte-Santa, onde está pintada a Senhora da Esperança, e cuja água, me asseveraram, «tem vertude».

Todos os factos mencionados concorrem pois para provar que a Serra das Alcaçovas foi uma estação archeologica: as ruinas das casas, os restos ceramicos, a *olla funeraria*, e a inscripção latina, marcando-nos esta a epocha, que é a romana; como último eccho do passado, achamos a Fonte-Santa, com as suas ágoas virtuosas, a testemunharem-nos ainda, posto que sob outro aspecto, as crenças pagãs que os antigos habitantes da Serra possuíam.

Eram bem horas de almoço quando descíamos do alto, e dizíamos adeus áquelles lindos panoramas que de lá de cima se disfructavam, outeiros cobertos de mato, montados, rios, casaes fumegantes, tudo numa vasta amplidão de horizonte, por onde a minha vista não se cansava de correr, — á procura ainda de outros monumentos archeologicos...

¹ As lendas de apparecimentos milagrosos de imagens religiosas são muito vulgares no nosso país. Já n-*O Archeologo* se tem citado algumas.

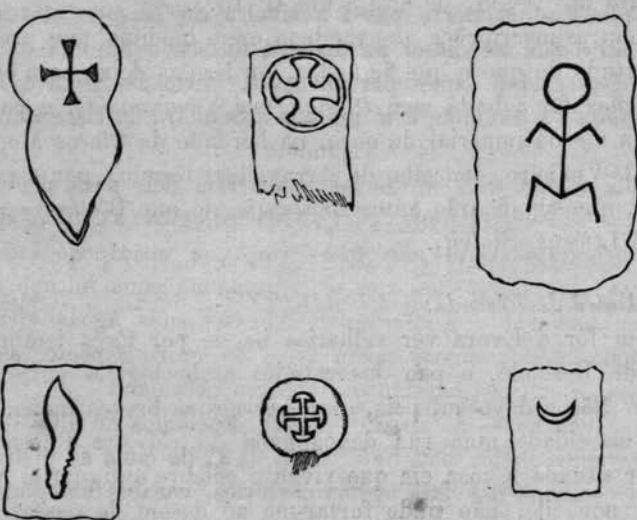
IV

Evora e arredores

Não vou aqui fazer a descripção de Evora nem a das suas antiguidades. Isto constituiria trabalho extenso; de mais a mais já parcialmente tem sido emprehendido por muitos. Contentar-me-hei com apontar algumas notabilidades que observei.

a) *Museu lapidar*:

No Palacio de D. Manuel, situado no Jardim Público, ha uma interessante collecção lapidar que contém monumentos da epocha romana e posteriores. Entre os monumentos vi cippos, aras, sepulturas doliars; alguns d'estes monumentos contém esculpturas de vasos, de pateras, de coroas, uma aguia, etc. Os monumentos christãos são muito numerosos; indicarei algumas figuras curiosas que se vêem insculpidas em pedras que serviam de cabeceiras sepulcraes:



Nesta collecção notam-se: sarcophagos, uns lisos, outros com braços de fidalgos, e de próceres da Igreja; capiteis e esculpturas diversas, de muitas qualidades.

Na parte epigraphica póde seguir-se o estudo da paleographia lapidar, desde a epocha romana até á actualidade.

b) *Bibliotheca e Museu Cenaculo:*

Nos papeis que pertenceram ao arcebispo Cenaculo, e que estão na Bibliotheca de Evora, existem muitas notícias de antiguidades, que já por varios investigadores tem sido aproveitadas e publicadas.

Pela minha parte, publiquei n-*O Arch. Port.*, I, 338, com o titulo de «Antiguidades do Sul do Tejo», varios extractos interessantes da obra de Cenaculo intitulada *Sisenando martir e Beja sua patria*, extractos que tirei durante a minha estada em Evora¹; na mesma occasião tomei outros apontamentos que a seu tempo darei a lume.

O Museu Cenaculo, annexo á Bibliotheca, é bastante curioso, e merece que muito dos objectos que contém sejam desenhados ou photographados, e tornados conhecidos do publico.

Nas salas do rés-do-chão ha uma collecção de lapides romanas. Entre ellas está uma com o seguinte fragmento de inscripção que julgo inedito:

L · IV LIVS · P I

adeante do P vê-se, como indico, uma haste. Foi encontrado nas paredes do convento de S. Francisco. Mede de comprimento uns 0^m,60; de largura uns 0^m,38; de altura uns 0^m,13.

Ha outras inscripções que tambem creio ineditas, mas precisam de maior estudo do que o que fiz nellas, por isso as deixo para outra vez. Uma d'ellas foi achada com *tegulas, molas manuarias*, e parece que com uma moeda imperial de ouro, na herdade de Claros Montes, freguesia de Vimieiro, concelho de Arrayollos; termina por estas letras BALS, que significarão antes *Bals(ensis)* do que *B(otum) = V(otum)* *A(nimo) L(ibens) S(olvit)*.

c) *André de Rêsende:*

Quem fôr a Evora ver velharias ha de por fôrça lembrar-se de André de Rêsende, o pae dos estudos archeologicos entre nós, no sec. XVI. Não o devo eu, pois, esquecer nestas breves notas.

Ha na cidade uma rua denominada de «Mestre Rêsende», por ahi estar situada a casa em que viveu o célebre antiquario. Na minha devoção por elle, não pude furtar-me ao desejo de passar diversas vezes por deante da casa, como que em romaria; de uma das vezes, em que eu ia acompanhado pelo Sr. A. F. Barata, outro apaixonado das cousas velhas, resolvi-me a bater á porta, e a pedir licença para entrar, o que facilmente me foi concedido.

¹ Foram transcritos no *Bejense* (de Beja) pelo Sr. Umbelino Palma.

Aqui, disse eu, quando me vi dentro, pensou muitas vezes Mestre André na sua querida Lusitania, e na obra que ás antiguidades d'ella consagrou, na qual se faz pela primeira vez um prospecto da nossa geographia antiga, embora o auctor deslustrasse algumas das páginas com a publicação de inscripções falsas, que elle proprio mandou gravar em marmores, que ainda hoje se conservam na bibliotheca; mas perdoemos ao bom filho de Evora a pia fraude, devida ao muito amor da patria, e á tibieza do methodo critico, então apenas incipiente! D'aqui manteve elle correspondencia latina com eruditos estrangeiros, seus amigos, como Vaseu, que vivia em Salamanca¹. Após quatro seculos, aqui venho eu saudar a tua memoria, venerando Velho, sabio Mestre, que nos teus livros nos deixaste tantas noticias preciosas, e ao mesmo tempo a prova eloquente do fervor e proveito com que, para honrares a patria, te dedicaste ao estudo da antiguidade classica, que é a base de todos os progressos realizaveis no campo das sciencias historicas.

A casa tem uma varandinha de pedra, em fórma de claustro, hoje tapada, mas que deixa ainda ver os arcos: deita para um pequeno jardim murado, onde estavam no tempo de Rêsende monumentos antigos, que elle para lá tinha levado. Pouco distante de Evora possuia Rêsende uma quinta em que havia uma fonte com uma cruz, e duas inscripções latinas², entre ellas a seguinte, que hoje se conserva no Museu do Palacio de D. Manoel, a que a cima alludi e d'onde a copio:

FLECTE GENV. EN SÍGNV PER QVÐ VÍS VCTA TIRANÍ
 ANTÍQVÍ ATQVE EREBÍ CONCDÍT ÎPERÍVM:
 HOC TV SNE PÍVS FRONTÊ. SNE PECTORA SÍGNES
 NEC LEMORV ÎSDÊS EXPECTRAQVE VANA TÎME.

Isto é:

Flecte genu: en signum per quod vis victa Tyranni

Antiqui, atque Erebi concidit imperium;

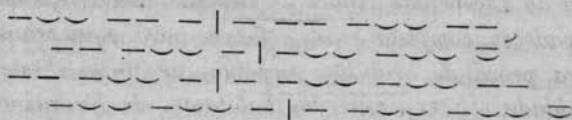
Hoc tu sive pius frontem, sive pectora signes,

Nec Lemurum insidias spectraque vana time.

¹ Vid. por exemplo *L. Andr. Resendii Opera*, II, Conimbricæ 1790, p. 7 sqq.

² Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, I, 162. Esta quinta está incluída na da Manisola, pertencente ao Sr. Visconde de Esperança, que ahi achou ultimamente alguns restos archeologicos que ascendem ao tempo de Rêsende (informação particular do Sr. Visconde).

Nestas quatro linhas temos dois disticos, d'estas fórmulas:



O distico, ou *distichon*, compõe-se, como é sabido, de um verso hexametro, combinado com um pentametro. — No segundo *sive* do terceiro verso o poeta fez systole (*sive*).

O latim offerece de particular: *Lemorum* por «Lemurum»; *insidies* por «insidias»; *expéctara* por «spectra». Na expressão *vis victa* ha allitteração².

Traducção portugueza:

Curva o joelho. Eis o signal pelo qual foi vencida a força do Tyranno Antigo (= Diabo), e baqueou o imperio do Érebo (= Inferno); persignando-te devotamente com elle, ou na testa, ou no peito, não temas as ciladas dos Lémures, nem os vãos espectros.

A lapide está numa estela de marmore, de 0^m,59 de comprimento, e de 0^m,41 de largura.

Quantas horas, e quão doces, não passaria André de Rêsende neste jardimzinho ou na quinta, entre as pedras, e ao pé da fonte sagrada, conversando com os mortos que á sua imaginação de erudito lhe appareciam alli, fallando-lhe das civilizações de outras eras?

As cinzas do nosso archeologo quinhentista jazem actualmente na Sé eborense, num antigo tumulo de marmore, aproveitado para esse fim: da tampa, que é moderna, copiei a seguinte inscripção, que foi elaborada pelo Dr. Rivara:

L. ANDREÆ RESENDII

MEMORIÆ DICATVM.

EX ÆDE DOMINICANA FVNDITVS EVERSA

TANTI VIRI CINERES

IN PERPETVVM GRATI ANIMI MONVMENTVM

CVRA ET SVMPTIBVS EBORENSIVM,

QVIBVS DECVS PATRIÆ CARVM,

HVC TRANSLATI AN. MDCCCXXXIX.

² O Sr. Dr. E. Hübner publica tambem esta inscripção nas *Noticias archeologicas de Portugal*, Lisboa 1871, p. 49-50, e attribue-a ao sec. VII ou VIII. Já antes a tinha publicado Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, I, 162.

Tradução:

A memoria do Licenciado André de Resende. Da igreja de S. Domingos, que padeceu completa ruína, foram para aqui trasladadas em 1839, para prova de gratidão perpétua, as cinzas d'este grande varão, por cuidado e a expensas dos habitantes de Evora, a quem a honra da patria é cara.

d) Collecções particulares:

Tive ensejo de ver a collecção monetaria do Sr. Alvarez da Silva, que vive em Evora, e a do Sr. Visconde de Esperança, que vive nos arredores, na sua quinta da Manisola. A ambos os meus agradecimentos.

Aqui dou uma synopse da primeira:

Designação	A.	Æ.	Æ.	B.	Br.	Pl. e Cal.	L.	Total
Consulares romanas	-	38	1	-	-	-	-	39
Imperiaes romanas	-	10	102	3	-	-	-	115
Byzantinas	-	-	2	-	-	-	-	2
Municipios e colonias da Hispania	-	-	12	-	-	-	-	12
Ibericas	-	-	9	-	-	-	-	9
Godas	1	-	-	-	-	-	-	1
Arabes	-	11	1	-	-	-	-	12
Portuguezas { Continente e ilhas	121	284	175	95	16	-	-	691
{ India	3	74	72	-	1	21	-	171
{ Brasil	17	73	75	-	-	-	-	165
{ Africa Oriental	1	2	8	-	-	-	-	11
{ Africa Occidental	-	18	37	-	-	-	-	55
Estrangeiras que tiveram curso em Portugal	-	9	8	-	-	-	-	17
Grão-mestres de Malta, portuguezes	-	4	3	-	-	-	-	7
Sapecas	-	-	-	-	-	-	18	18
Medalhas portuguezas	-	5	5	-	-	1	-	11
Medalhas estrangeiras	-	-	3	-	-	-	-	3
Pesos	-	-	4	-	-	-	1	5
«Contos» portuguezes	-	-	8	-	-	-	-	8
Jettons estrangeiros	-	-	2	-	-	-	3	5
Senhas	-	-	3	-	-	-	-	3
	143	528	530	98	17	22	22	1.360

Nesta collecção ha algumas moedas curiosas, como uma de D. Fernando, e um vintem de D. João II, cunhado no Porto, e em que ha uma variante das legendas conhecidas. Espero que d'estas e de outras notabilidades da sua collecção dê o Sr. Alvarez da Silva, como me prometteu, mais circumstanciada noticia aos leitores d-*O Archeologo Português*, em artigo especial, provido de estampas.

Na collecção do Sr. Visconde da Esperança, que consta de moedas portuguezas e outras, ha boa serie de moedas arabes de prata (*dirhemes*), grandes e redondas, apparecidas em Arrayollos dentro de uma panella; são interessantes pelo facto de algumas d'ellas conterem um furo com uma pequena argola, ou uma laminazinha, feitas de outras moedas, e postas em fórma de appendices, e que parece serviriam de contrapesos para darem ás respectivas moedas valor legal. A collecção das moedas arabes distribue-se assim:

inteiras: cento e tantas;

moedas com furos e appendices: vinte e duas;

moedas com furos, mas sem appendices: vinte e uma;

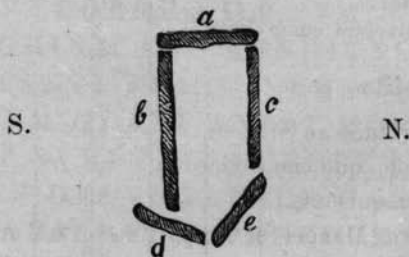
fragmentos de moedas, alguns com appendices: umas dezenas.

O Sr. Visconde da Esperança não collige só moedas, mas tambem outras antiguidades: possui por isso alguns instrumentos prehistoricos de pedra e de metal, e armas de differentes idades.

e) *Sepultura antiga:*

No sitio do Eivado, dentro da Quinta-Grande, do Sr. Visconde da Esperança, visitei no dia 5 de Janeiro com este illustre titular uma antiga sepultura, apparecida algum tempo antes. Na visita acompanhou-nos tambem o Sr. A. F. Barata, que foi quem primeiro me fallou do monumento, e o Sr. Alvarez da Silva.

Aqui represento pouco mais ou menos a planta da sepultura:



Provavelmente a pedra *e* constituia com a pedra *c* um lado; a pedra *d* devia ficar paralela á pedra *a*: do que resultaria ser rectangular a sepultura. Eis os comprimentos das pedras:

a, d, e, uns 0^m,54; *b*, uns 9^m,60; *c*, uns 7^m,70; largura das lages: entre 0^m,20 e 0^m,30. Altura actual da sepultura 0^m,50.

As pedras são do granito da região.

Não dou medidas exactas, porque, como não tinha á mão fita metrica, medi aos palmos.

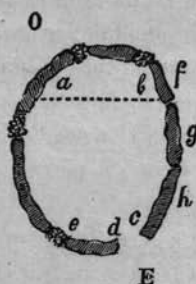
Quando o Sr. Visconde encontrou a sepultura, já ella estava sem tampa, e cheia de terra. As pedras achavam-se na posição actual, excepto a pedra *b*, que estava um pouco inclinada, tendo-a o Sr. Visconde mandado pôr na posição natural. Infelizmente não se sabe a natureza dos objectos que primitivamente conteria.

A sepultura parece pertencer á classe que nas minhas *Religiões da Lusitania*, I, 308 sqq., chamo *cistas*.

Está situada, como muitos dolmens alemtejanos, num altinho, que de certo fez parte de mamoa que envolveu outr'ora a sepultura.

f) *Antas da Herdade do Freixo:*

O Sr. Emilio Cartailhac publica no seu livro *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, p. 167 sqq., algumas notícias e desenhos das antas da herdade do Freixo, que ficam perto de Evora. Para lá remetto o leitor curioso d'estes assumptos; aqui desejo só fazer breve menção do passeio que dei á herdade do Freixo, em companhia do Sr. Engenheiro Dr. Caetano da Camara Manoel, digno Director das obras publicas do districto de Evora.



O terreno pertence ao Sr. Duque de Palmella, a quem agradeço a franca auctorização que me concedeu de lá ir, e de até proceder a excavações, se eu quisesse.

O Sr. Camara Manoel e eu partimos por uma fria manhã de nevoeiro. O dia não foi pois dos mais asados. Andámos mesmo de baixo de umidade até á noite.

Uma das antas tem a camara quasi circular, como se vê do esbôço que da planta dou a cima.

Consta de sete esteios inclinados para o centro; já faltava a cobertura. As pedras *g*, *h* são as mais altas, medem o dôbro das outras. Assenta a anta numa pequena elevação do terreno, como outras muitas do Alentejo; esta elevação deve conter os restos da mamoa primitiva.

Mandei excavar, para simplez reconhecimento, na zona *a-b*, separada por pontos; levei a excavação até 0^m,5 de profundidade, e encontrei um lageado, que tinha em cima ossos humanos, alguns chamuscados, e fragmentos de vasos muito antigos, dos que se encontram nas estações neolíticas mais archaicas.

Temos pois o solo da camara constituido assim:



A altura da camara, desde o ladrilho, no fundo da excavação, até o cimo do mais alto esteio, orça por uns 4 metros. A maior largura é tambem de uns 4 metros; a menor é de uns 3^m,5.

Galeria não se percebia. A entrada da anta é por *c-d*, ao Nascente¹.

*

Noutra anta vizinha, já explorada pelo Sr. Cartailhac, encontrei alguns cacos analogos aos achados na anta precedente, e uma ponta de flexa de sílex que pertence hoje ao Museu: Cfr. *O Arch. Port.*, III, 107. Dou na estampa junta (fig. 2), em tamanho natural, desenho d'ella, feito pelo Sr. Henrique Loureiro.

g) *Antas do Barrocal*:

O Barrocal é um sítio perto de Évora. Tendo sabido que ahí havia antiguidades prehistoricas, fui lá. Tive por companheiros o Sr. Visconde da Esperança e o Sr. F. A. Barata, que igualmente se dignaram acompanhar-me á estação archeologica da Tourega, de que fallo adiante.

Ao pé do «monte» (casa da herdade) do Barrocal vi uma anta, situada num altinho, como a do Freixo, em meio de terrenos cultiva-

¹ Á cerca dos dolmens ladrilhados vid. as minhas *Religiões da Lusitania*, I, 276-277.

dos; podia muito bem ter tido mamoa, destruída pelos trabalhos agricolas, mas revelada ainda em parte pelo referido monticulo.

A camara fórma um polygono, com tendencia para circulo, como se vê do adjunto esbôço de planta,



e consta de cinco esteios de granito, ainda em pé, e mais dois, um tombado, outro quasi; a tampa, ou *cobrideira*, como lhe chamam no sítio, está tambem quasi a desabar. Todas estas pedras são de granito, e sem apparelho. Galeria já lh'a não percebi, a não ser que lhe houvessem pertencido umas pedras que se vêem proximo. Altura dos esteios a cima do solo actual 1^m,60 plus minus; comprimento e largura, respectivamente uns 2^m,48. Entrada ao Nascente.

A gente da localidade excavou em tempos esta anta, e achou uma placa de lousa, que eu ainda pude adquirir, e que hoje se acha no Museu Ethnologico: na estampa junta (fig. 3) dou, em tamanho natural, o desenho d'ella, feito pelo Sr. Henrique Loureiro.

*

Deram-me noticia de que perto d'este dolmen havia outro, ainda bem conservado, e de mais tres já cahidos.

O povo chama a estes monumentos *antas*, e diz, segundo o costume, que elles «eram dos Moiros».

*

Espero em occasião conveniente proceder a excavações regulares nestes cinco monumentos, tanto mais que elles ficam proximo uns dos outros.

Em 1875 publicou o Sr. Gabriel Pereira um opusculo com o titulo de *Dolmens ou antas dos arredores de Evora*, onde tambem falla do Barrocal.

h) *Estação archeologica da Tourega:*

A Tourega fica perto do Barrocal, nos arredores de Evora. Fui lá na mesma occasião em que fui ao Barrocal.

Em volta da igreja da freguesia, em grande área, vêem-se muitos vestígios de antiguidades romanas: telhas de rebôrdo, imbrices, pedaços de marmore com vestígios (frisos) de haverem pertencido a obras de arte, e também lanços de construcções ainda em parte revestidos de *opus signinum*. Num campo ha uma pequena fonte, que de certo é muito antiga, talvez também romana.

Junto da igreja, num muro, está uma tampa sepulcral romana, de marmore, com fôrma de pipa, como outras muitas que apparecem no Sul; mas infelizmente a inscripção já não se lê, por estar çafada.

Além da fonte mencionada, e que jaz esquecida em meio de um campo, existe outra a alguns metros da igreja, consagrada a Santa Comba, e que merece conceito muito santo ao povo, que ali vae buscar agua para curar molestias dos olhos. É um pôço quadrado, de granito, de 0^m,70 de lado, coberto por uma abobada de *êngras* (de tijolo). Na parede ha uma inscripção portugueza em verso, do que só pude ler:

....STA AGVA TAL
VERTVDE
....TANDO DA
SAVDE
17...8

O que deve interpretar-se assim:

*Tem esta agua tal vertude,
Que, matando, dá saude*

«matando a sede», entende-se. O estylo é pois gongorico. Em lugar de dois versos de redondilha maior podiam formar-se quatro, de quatro syllabas cada um.

*

O Sr. Visconde da Esperança, além da collecção archeologica de que fallei a cima, possui boa livreria, composta de impressos e manuscritos¹. Tendo-me o Sr. A. F. Barata, particular amigo do

¹ Em 1897 publicou-se em Evora o *Catalogo dos principaes manuscritos da Livreria do Visconde da Esperança*, organizado pelo Sr. A. F. Barata).

Sr. Visconde, communicado que nesta livraria estava um manuscrito do sec. XVIII, com uma parte á cêrca das antiguidades da Tourega, facilmente me foi concedida licença para copiar e publicar essa parte. Aqui pois a publico, como complemento e illustração do que sobre a Tourega fica exposto:

«De fronte da porta principal da igreja, debaixo do alpendre, está uma pedra, que dizem se desenterrou neste mesmo sítio; é de marmore, em fôrma de sepultura, e bem moldada, com a inscripção em letras romanas ou latinas, e d'ella faz menção o P. M. Resende:¹ Dentro do mesmo pateo, e defronte da porta da igreja, está uma pedra parda, do feitiço de peso de *algar* (= alagar = lagar), com duas gaivas, como costumam a ter os taes pesos, mas tam grande, que tem de circumferencia dezaseis palmos, e de altura sete palmos, — e dizem se desenterrou neste sítio, haverá, a quando muito, quarenta annos²; sobre esta pedra está hoje um relógio de sol³. Pouco distante, no portal da tapada, que disse, da igreja, está outra pedra de marmore, que mostra ter sido parte de uma grande columna, com seus filetes em roda⁴. E estão tambem neste pateo, á roda d'este sítio, algumas

¹ [A inscripção vem publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 112 e diz assim :

D	M	S
Q · IVL · MAXIMO · C · V		Q · IVL · CLARO · C · I · IIII · VIRO
QVAESTORI · PROV · SICI		VIARVM · CVRANDARVM
LIAE · TRIB · PLEB · LEG		ANN · XXI
PROV · NARBONENS	<i>ramus</i>	Q · IVL · NEPOTIANO · C · I
GALLIAE · PRAET · DES	<i>lauri</i>	IIII · VIRO · VIARVM · CVRAN
ANN · XLVI		DARVM · ANN · XX
CALPVRNIA · SABI		CALP · SABINA · FILI · S
NA · MARITO · OPTIMO		

Esta inscripção está na collecção lapidar do Palacio de D. Manoel em Evora. Para commodidade dos leitores, faço-lhes tambem a traducção :

Consagração aos deuses Manes.

1) *Calpurnia Sabina* [dedicou este monumento] ao seu optimo marido, *Quinto Julio Maximo*, varão muito illustre, questor da provincia da Sicilia, tribuno da plebe, governador da provincia Narbonense, pretor eleito da Gallia, [fallecido] de 46 annos.

2) *Calpurnia Sabina* [dedicou este monumento] aos seus filhos *Quinto Julio Claro*, e *Quinto Julio Nepociano*, jovens muito illustres, quattuórviros intendent das estradas [fallecidos, um] de 21 [e o outro] de 20 annos].

² [Lá vi ainda esta pedra].

³ [Já o não vi].

⁴ [É a sepultura romana, em fôrma de pipa, de que fallo a cima].

bases de columna, capiteis, umas maiores, outras mais pequenas, que se tem achado neste sítio, e ainda se descobrem cada dia, e outras pedras de várias esquadrias¹. E na passagem da ribeira estão umas passadeiras, d'onde se passa muita agua, e entre ellas está uma tão bem do feitio de peso de *algar* (= alagar = lagar), mas com quatro encaixes nos lados². Sahindo do pateo da igreja, para a parte do Noroeste, em distancia de 200 passos, estão umas ruínas de edificios antigos, a que hoje chamam *As martas* (*sic*)³, de paredes tão bem caldeadas, e argamassas tão rijas, compostas de meudos seixos, e com a cal tão unidos, que os instrumentos de ferro e aço mais bem temperados na sua resistência, ou quebram, ou se acham brandos. Mostram hoje estas ruínas que foram antigamente lagos ou tanques de banhos, dos que usaram os Romanos, por quanto a sua fórma é de tanques grandes e pequenos. O maior tem 120 palmos de comprido, e de largo 22. Os de mais o cercam em roda. Todos por dentro argamassadas da argamassa de seixinhos, e não se lhe conhece porta⁴. Contigo (= contiguo) aos tanques se vê (*sic*) as ruínas de uma torre, e parece ser arruinada com polvora, porque estão uns grandes pedaços d'ella desviados do assento, e empinados, servindo-lhe de assento o que lhe servia de face, e tem a face o que lhe servia de assento⁵. Em circuito de todas estas ruínas se mostram e se descobrem varios alicerces de casas, e no meu tempo se desenterrou a volta de um arco redondo, e não se lhe chegou ao pé direito; era de tijolo, mas tão bem cozido, e tão rijo como as mesmas pedras, e d'estes se vêem em todo este sítio infinitos pedaços⁶, como tambem sem número (*sic*) de bocados, como argamassa, queimados, que se parecem com escumalha de ferreiros⁷. Para este sítio d'estas ruínas se descobre sobre a terra, em várias partes, e em outras descobrem os arados, e em larga distancia, uma telha de agua, e vem da parte do Nascente, mas hoje não ha noticia d'onde viesse a tal agua⁸. Em a distancia de 200 passos d'estes tanques, descendo para a parte da ribeira que lhe passa ao Norte, está uma fonte, todo o anno perenne, com o nome de *Fonte de*

¹ [A cima fallo de algumas d'estas pedras, que ainda lá vi].

² [O Sr. A. F. Barata mostrou-m'a].

³ [Não é claro no ms. se o A. escreveu *martas* ou *martos*].

⁴ [Vi tudo isto. A «argamassa de seixinhos» é o *opus signinum* ou *formigão*].

⁵ [Lá a vi tombada].

⁶ [Vi tijolos, tegulas e imbrices. Cf. o que digo supra].

⁷ [O mesmo tenho encontrado noutras ruínas romanas].

⁸ [Vi uma serie de argamassas, que devem ter sido de um cano].

Santa Anominata, á qual lhe vem agua por um cano subterraneo, e corre em um ambito de feitio de fonte quadrado, e feitio de pedras de cantaria, estão já da agua carcomidas, para mostrar a sua antiguidade; e, como corre muito fundo, não se sabe o seu nascimento»⁷. (Pag. 3-4).

O ms. refere-se á fonte de Santa-Comba (a 400 passos), e diz que esta santa era irmã de Santa Anominata. Mas não adeanta mais. Vê-se que as duas fontes erão sagradas para os Romanos, e que o Christianismo as santificou tambem, relacionando-as de mais a mais uma com a outra.

O ms. tem por titulo geral: *Notícia da freguesia de Nossa Senhora da Assumpção da Tôurega, termo da cidade de Evora, seu districto, e de tudo o mais que nella se contém*. Com a data de 1736. Sem nome de auctor, provavelmente padre. In folio, de 16 paginas.

*

Tenho conhecimento de outros artigos sobre a Tourega, mas já publicados. Aqui indico dois:

«Extinctas povoações romanas, Tauregia (?)», por A. F. Barata, in *O Instituto*, vol. xxvi (2.^a serie), Coimbra 1879, p. 81 sqq.;

«Tourega», por Gabriel Pereira, in *Estudos Eborenses*, n.º xxvi, Evora 1891, p. 15 sqq.

O Sr. Barata, alem de várias noticias curiosas que transcreve de obras impressas, publica a inscripção da fonte de Santa-Comba, a qual elle encontrou completa, e que confirma a facil restituição que logo no local fiz; alem d'isso menciona muitos restos romanos de que tambem fallo, e que visitei em companhia d'elle. Quanto á pergunta do Sr. Barata sobre se a palavra *Tourega* tem alguma relação phonetica com *Turobriga*, nome de uma cidade iberica, posso responder que essa relação me não parece possivel. O Sr. Barata termina o seu artigo queixando-se com toda a razão do abandono a que tem sido votadas as nossas antiguidades.

No artigo do Sr. Gabriel Pereira acha-se igualmente a confirmação das observações feitas a cima em relação ao apparecimento de restos romanos na Tourega, dão-se indicações bibliographicas, e relatam-se

⁷ [Lá vi a fonte, toda envolta em hervas. A agua sae ainda de um cano antigo, redondo].

lendas de interesse. O Sr. Gabriel Pereira occupa-se tambem de outras estações archeologicas dos arredores de Evora.

i) *Castello de Giraldo:*

Na Serra de Monte-Muro, junto á quinta de Valverde, que é propriedade dos arcebispos de Evora, ha um castro lusitano. Posto que eu não fosse lá, e só o visse de longe, menciono-o aqui, porque no referido ms. que falla de Tourega lê-se o seguinte, que julgo dever archivar:

«É o castello de Giral[do] na sua architectura, parte fabricado pela natureza, pois da parte da cidade lhe serve de muralha uma alta rocha, que se levanta a prumo, e continúa em circuito, supprindo as suas faltas. Uma parede de pedra e barro, de largura de 3 varas, e tem de circuito 300 passos. Cercam a este castello duas ordens de reductos, como fossos. Servem-lhe de muralhas grandes penedos ou rochas, que, juntos uns com outros, constituíam as suas muralhas. É tradição que neste castello se fazia forte, e se refugiava, o valoroso e intrepido Giraldo, com os seus companheiros, de que o castello tomou o nome». (Pag. 14).

j) *Antiquallas diversas:*

Durante a minha estada na cidade de Evora obtive varios objectos archeologicos que mencionei n-*O Arch. Port.*, I, 158-159.

Entre elles, especializarei aqui os seguintes objectos prehistoricos, que vão figurados na estampa junta, em grandeza natural, segundo desenhos do Sr. Henrique Loureiro: dois machados polidos (fig. 4), uma placa de lousa (fig. 5) e uma lampada de barro (fig. 6). Os machados são de typos vulgares. A placa de schisto differe, no tamanho e no desenho, da que a cima fica publicada, com quanto pertença tambem como ella á herdade do Barrocal. A lampada era, como se vê, de suspensão, e, embora mais perfeita, e com uma falha accidental, pertence aos typos que publiquei nas *Religiões da Lusitania*, I, 243. Esta lampada não é vulgar.

*

Como sempre me acontece quando volto de uma excursão archeologica, cheguei a Lisboa cheio de saudades, e por tanto com vontade de empregar outra, o que em verdade não tardou muito.

J. L. DE V.

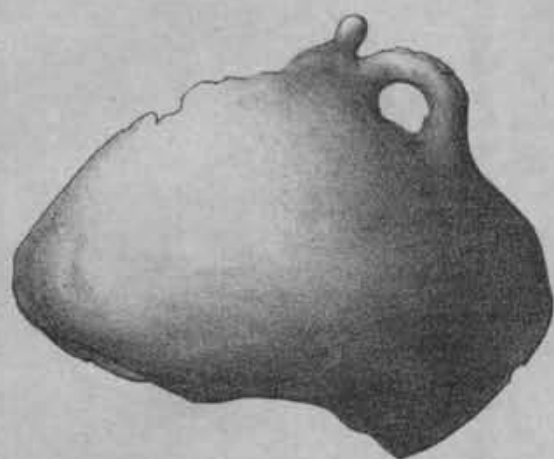


Fig. 1



Fig. 2

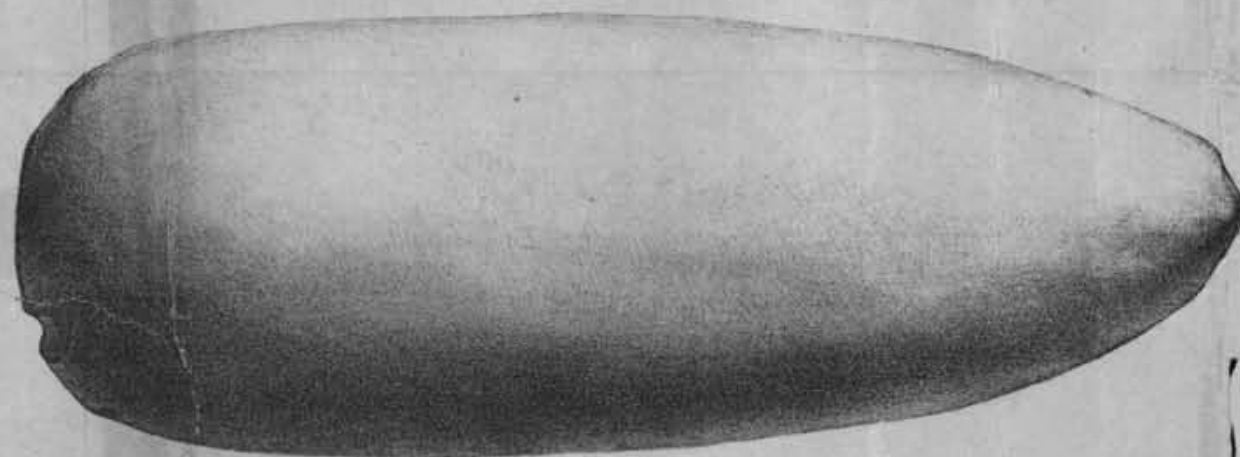


Fig. 4



Fig. 3

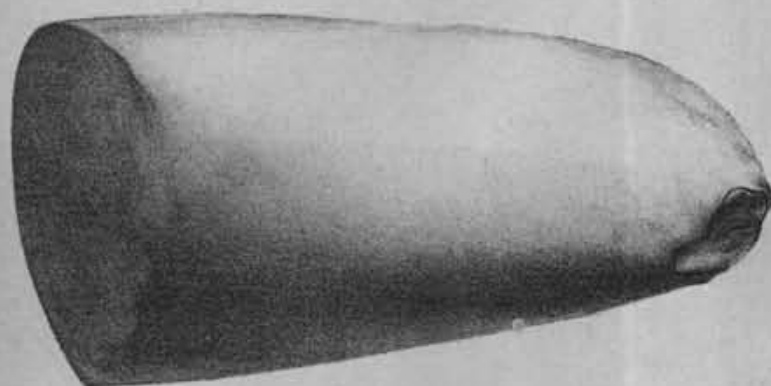


Fig. 5

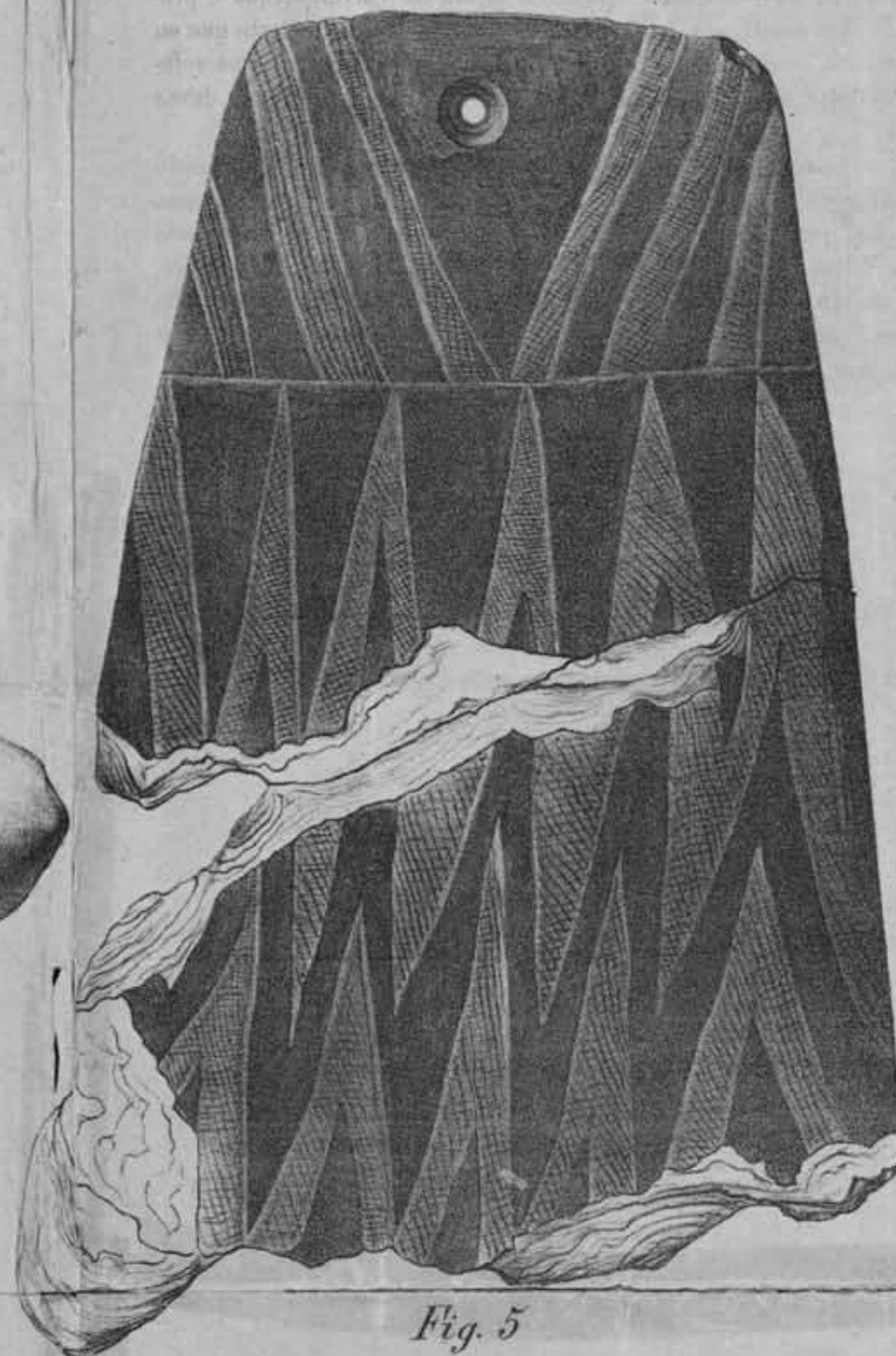


Fig. 6